

O corte na voz lírica de Carlos Felipe Moisés

The cut in the poetry of Carlos Felipe Moisés

João Carlos Biella*

RESUMO: No contraste de dois poemas praticamente iguais de Carlos Felipe Moisés, tentar-se-á mostrar o corte como uma das possibilidades de compreensão de uma alguma poesia do presente.

PALAVRAS-CHAVE: poesia de Carlos Felipe Moisés. Corte. Enjambement. Poesia do presente.

ABSTRACT: In the contrast of two nearly identical poems written by Carlos Felipe Moisés, one will try to show the cut as one of the possibilities for the comprehension of some contemporary poetry.

KEYWORDS: Poetry of Carlos Felipe Moisés. Cut. Enjambement. Contemporary poetry.

Giorgio Agamben, em “O que é contemporâneo”, define contemporaneidade como uma relação singular com o próprio tempo. Para ele, “essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (2009, p.59). Ser contemporâneo, segundo o pensador italiano, é perceber no escuro do presente uma luz que procura nos alcançar e não poder realizar tal procura. Na parte final de sua reflexão, Agamben escreveu

[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma de seu arbítrio, mas de exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por este fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (*idem*, p.72).

Carlos Felipe Moisés publicou seu primeiro livro, *Poliflauta*, em 1960. Pertence à denominada geração paulista de 60, juntamente com os poetas Roberto Piva, Cláudio Willer, Jorge Mautner, entre outros. Recentemente publicou *Dissecta membra* (2014).

Em 2008, veio a lume a sua anterior publicação: *Noite nula*. Nela reaparecem temas e figuras musicais recorrentes na poética do autor. O poema “Monk & Mulligan” é um exemplo dessa reaparição e será o objeto de leitura desse artigo. Ele será aproximado do poema “Toda

* Professor Adjunto do ILEEL/UFU.

lição é de casa”, originalmente publicado como epígrafe do livro *Lição de casa & poemas anteriores* (1998). No contraste de dois textos praticamente iguais, tentar-se-á mostrar a produtividade da cesura, do *enjambement* e da *versura*, como procedimentos produtivos para a compreensão dos efeitos de sentido de alguma poesia escrita na contemporaneidade, como também sugerido por Agamben como o que discerne a prosa do poema, o corte e seus institutos.

Numa leitura geral, Carlos Felipe Moisés apresenta-se como poeta do presente ao criar uma poética reflexiva, em trânsito e em busca de uma subjetividade perdida entre as ruínas de um presente prosaico, extremamente mediatizado e saturado de memória. A poesia em questão, sempre envolta em sombras, virtualidade e potência, deseja à categoria do artístico, possui dúvidas quanto ao ato formal, alegrias íntimas com as possibilidades de um ainda imaginado, sonhado, ainda não vivido, experienciado. Trânsito no qual vários tempos apresentam-se; anacronismo e heterotopias, sem finalidades, sem pedagogias próprias aos períodos anteriores ao pós-vanguardismo.

A assunção desse devir está marcada textualmente pela queda, abismo, do constante emprego do *enjambement* e pela urgência de compreender o presente a partir da convivência de tempos plurais. É o caso, por exemplo, dos versos “[...] Mas minha vez/de dizer mal-/dito e recomeçar/ [...] / Que estou aqui/ estourando o limite/ de um frágil motor/de trinta cavalos/ (dez mil/novecentas e cinquenta/rotações por segundo) / e que não tenho asas” (MOISÉS, 1998).

Um solo de Carlos Felipe Moisés Monk & Mulligan

Toda lição é de casa. Uma ensina a aprender
outra aprende a ensinar. Não sei para quando
será a viagem. Não sei se parti, se já estou
de regresso nem se a lição é de fato minha,
dos pombos que giram no telhado ou do silêncio
entre o sussurro de Monk & o sopro de Mulligan
no meio da sala: ‘Round midnight.

Lá fora(
sol alto) lição interrompida. O sal da lição?
Não saber. Sabida, lição já não é.

Naquele
tempo eu viajava para longe, toda semana.
Um dia estranharam minha alegria ao partir.
“É tão bom assim?” “Não, é que aprendi

a antegozar o prazer da volta.” Nada se iguala ao alívio antecipado do dever cumprido. A casa acumula todas as lições: ontem, hoje – o mesmo tempo a escoar entre o já-não-mais e o ainda-não – centro de tudo o que sou ou tenho. Mas não tenho: a casa o contém. E não há lição que o detenha.

O que tenho é um retrato na parede
: um menino me fita apaziguado, seu olhar
se dissolve na brisa. Escancaro as janelas
e o calor da tarde me lembra: outono se foi,
inverno se foi, primavera aí vem (o rendilhado
de Monk prossegue & o sopro agudo de Mulligan).
Outra primavera: midday midnight. O menino
salta do retrato, se aninha no sofá e me lembra
a sorrir: é hora de voltar a lição interrompida.
Sorrio que sim, à sombra do jasmineiro
em flor.

É tarde. Não sei a lição (há pouco
estava no jardim). Como enfrentar classe
tão avançada? A sombra se adensa, é noitinha.
O olhar do menino me fita, não sei se do retrato
ou do canto do sofá onde se aninha,
não sei
se do olho iluminado da noite, e sorri. Sorrio
que sim. É a hora. (Monk & Mulligan insistem
agora sim: ‘Round midnight. Lição de casa.)

(MOISÉS, 2008, pp. 44-45)

No final do livro *Noite nula* (2008), Carlos Felipe Moisés escreve breves notas sobre todos os poemas publicados. Sobre “Monk & Mulligan”, dois célebres músicos de jazz, lemos:

Os dois de fato se trancaram num estúdio, em Nova Iorque, 1957, por quase 24 horas, obcecados em executar à perfeição não sei que compasso. Disciplinar a improvisação? Improvisar disciplina? O resultado é um álbum duplo, com três das (ao que se sabe) sete versões de “*Round Midnight*”, todas praticamente iguais. (*idem*, p.78)

No poema, a lição de casa é o momento de reflexão sobre o jogo do aprendizado e do ensino. Poderia ser dito também uma reflexão sobre a disciplina e o improvisado na criação artística, segundo nota do poeta. Para confirmar tais possibilidades temáticas, é oportuno lembrar que o poema reproduzido anteriormente já figurava como introdução à obra *Lição de*

casa, enfeixada no livro *Lição de casa & poemas anteriores* (MOISÉS, 1998). O título do poema é “Toda lição é de casa”. Lá ele está registrado da seguinte forma:

Toda lição é de casa. Uma ensina a aprender,
outra aprende a ensinar. Não sei para quando
será a viagem; não sei se parti, se já estou
de regresso, nem se a lição é de fato minha,
dos pombos, que giram no telhado ou do silêncio
entre o sussurro de Monk e o sopro de Mulligan,
no meio da sala: ‘ Round midnight. Lá fora,
sol alto, lição interrompida. O sal da lição:
não saber. Sabida, lição já não é. Naquele

tempo eu viajava para longe, toda semana.
Um dia estranharam minha alegria ao partir.
“É tão bom assim?” “Não, é que aprendi
a antegozar o prazer da volta.” Nada se iguala
ao alívio antecipado de dever cumprido. A casa
acumula todas as lições: ontem, hoje, o mesmo
tempo a escoar entre o já-não-mais e o ainda-
não, centro de tudo o que sou ou tenho. Mas não
tenho: a casa o contém. E não há lição que o

detenha. O que tenho é um retrato na parede.
Um menino me fita, apaziguado, o olhar
se dissolve na brisa. Escancaro as janelas
e o calor da tarde me lembra: outono se foi,
inverno se foi, primavera aí vem. (O rendilhado
de Monk prossegue, e o sopro agudo de Mulligan.
Outra primavera, midday midnight.) O menino
salta do retrato, se aninha no sofá, e me lembra,
sorrindo: é hora de retomar a lição interrompida.

Sorrio que sim, à sombra do jasmineiro
florido. É tarde. Não sei a lição. Há pouco
estava no jardim. Como enfrentar classe
tão avançada? A sombra se adensa: é noitinha
O olhar do menino me fita, não sei se do retrato
ou do canto do sofá onde se aninha, não sei
se do olho iluminado da noite, e sorri. Sorrio
que sim: é hora (Monk & Mulligan insistem,
agora sim: ‘ round midnight. Lição de casa.)

(MOISÉS, 1998, pp. 11-12)

Da publicação original para a mais recente, há mudanças: 1- título; 2- diferenças entre o início e o término de algumas estrofes; 3- ritmo e versificação distintos; 4- troca de alguns termos; 5- *enjambements* refeitos.

Quanto ao título, desloca-se o foco da tarefa avaliativa do ensino-aprendizagem, cujo objetivo não somente é a apresentação do resultado do conhecimento interiorizado, feito por meio de pequenos poemas intitulados como disciplinas escolares, na obra particular e mais recente até então, *Lição de casa*, mas também como epígrafe de um livro que reúne toda a obra poética de Carlos Felipe Moisés, para o exemplo vindo de um encontro de dois músicos de jazz, o pianista Thelonious Monk e o saxofonista barítono Gerry Mulligan. Lido como exemplo de busca de uma perfeição de um compasso, no período de um dia, “Monk & Mulligan” torna-se exemplo de um texto que, ao citar a disciplina dos músicos na execução de uma obra musical, traz também este tema incorporado à prática poética. Poema metalinguístico a incorporar novos elementos, se compararmos as duas versões do poema.

Sobre as estrofes, mantém-se o mesmo número. A mudança se dá no desmembramento do final e do início delas. No final da primeira, o termo “Naquele” foi transferido para o início da segunda estrofe, configurando-se, nesta, como o primeiro verso. Na segunda para a terceira, o termo “detenha”, que, na primeira versão figurava no início da terceira, aparece como o último verso da segunda estrofe. Por fim, na passagem da terceira para a quarta estrofe, o primeiro verso (ou a frase sintática): “Sorrio que sim, à sombra do jasmineiro/ florido. [...]” passa a compor os dois últimos versos da terceira estrofe. As mudanças instauram, além do aspecto visual, uma pausa maior na passagem das estrofes.

A troca da pontuação dá maior fluidez ao ritmo do poema. Mas a mudança mais impactante, quanto ao ritmo e à versificação, ocorre nos desdobramentos já observados anteriormente e, sobretudo, no oitavo verso da primeira estrofe: “Lá fora (”); e no sexto verso da estrofe final: “não sei”.

De lado dessas duas quebras rítmicas, está a troca de termos: “- retomar” para “voltar”, na segunda versão. As outras foram “seu” olhar no lugar de “o” olhar, no segundo verso da terceira estrofe; “-em flor” em lugar de “florido” do último verso da terceira estrofe; e, não uma troca, mas a inclusão do artigo “a” na expressão “-É a hora”, no penúltimo verso do poema.

A troca de “retomar” para “voltar” nos introduz ao último item das mudanças ocorridas entre a publicação de “Toda lição é de casa” (1998) e “Monk & Mulligan” (2008): os *enjambements* refeitos. Sobre a poesia de Carlos Felipe Moisés, José Paulo Paes diz que em

“*Subsolo* [o poeta] assume o oxímoro ou o paradoxo da vida sob o signo do sempre recomeço, que é, de resto, o próprio signo da poesia.” (PAES, 1997, p. 83); registra também:

Não obstante as mudanças, o poeta permaneceu substancialmente o mesmo, à semelhança do Proteu mítico, cuja identidade reside na própria capacidade de mudar: alguém a além de todos os eus possíveis, está sempre um proto-eu, Proteu. (PAES, 1997, p.78).

“Signo do sempre recomeço” - seja tematicamente seja por uma musicalidade que a poesia de Carlos Felipe sempre persegue - e o estar de um sempre “proto-eu, Proteu” abarcam justamente a preocupação do corte-salto do *enjambement*. O risco contido no salto que já foi associado a Ícaro e agora a força protéica de potencializar um novo lirismo, passa por um forte movimento de volta, no poema em questão.

Enjambement ou cavalgamento é sempre definido por sua negatividade: disjunção, oposição, desacordo e contraste. É tido por Agamben como o fundamental instituto poético a mostrar o poema em sua diferença com a prosa, juntamente com a *versura*, o fim do poema, a cesura e a rima. No caso do poema “Monk & Mulligan”, temos a negatividade desse instituto poético nas relações entre ritmo e sentido e entre verso e sintaxe. Agamben talvez acrescentasse, tendo como base os estudos de Benveniste, no contraste entre a série semiótica e a semântica, na lembrança da leitura produtiva de Pucheu (2010) da potência criativa do pensamento de Agamben.

Para continuarmos na análise das mudanças entre as versões, é importante atermo-nos aos conceitos de *versura* e cesura.

Para Agamben, *versura* está originariamente ligada à suspensão do arado entre os sulcos da plantação; pode ser interpretada como a suspensão do fim do verso, vinda do corte-salto do *enjambement*, para a meia-volta, retorno que caracteriza a poesia.

Cesura também se caracteriza por um desacordo entre o som e o sentido. É o momento do corte, da criação de uma pausa, uma região intervalar. No transporte da linguagem poética, da “viagem”, nos termos do poema “Monk & Mulligan”, tem-se a sugestão do primeiro silêncio.

Na história do jazz, Thelonius Monk é, ao lado de Charlie Parker e Dizzy Gillespie, um dos criadores do bebop. Seu dedilhado era muitas vezes percussivo, não respeitando as ortodoxas regras pianísticas. O improviso de Monk não era rápido e muito menos respeitoso a quase regra das longas sequências ligeiras de notas do estilo bebop. Ele usava poucas notas, quebradas e muitas pausas.

O silêncio recorrente das inúmeras pausas pode ser ouvido na música *Round midnight*, na gravação de Monk & Mulligan. No poema, lê-se: “[...] Não sei se parti, se já estou/ de regresso nem se a lição é de fato minha, / dos pombos que giram no telhado ou do silêncio/ entre o sussuro de Monk & o sopro de Mulligan/ no meio da sala: ‘Round midnight.’”, e “[...] (o rendilhado/ de Monk prossegue & o sopro agudo de Mulligan).” O silêncio ouvido na música é uma das possíveis lições do poema em questão. O *enjambement*, a versura (refeitos na segunda versão) e a cesura, como institutos poéticos, podem ser associados às pausas, aos intervalos da música. O sussuro e o sopro estão no limiar, numa gradação muito próxima ao silêncio.

O exemplo da disciplina de dois músicos para atingir a perfeita improvisação é apreendido pelo movimento de mudança da primeira para a segunda versão do poema. O esforço dos jazzistas na execução de obras-primas em torno de toda meia-noite apresenta-se na fatura do poeta que aprende e ensina. Aos ouvidos gerais, segundo o depoimento de Carlos Felipe sobre a gravação de Monk e Mulligan, as várias gravações da música eram praticamente iguais. No poema de *Noite nula* (2008), as novas voltas das quebra-corte-salto do *enjambement* refeitas conquistam um intervalo maior entre as pausas métricas, sintáticas e semânticas. Uma diferença que permite chamar a lírica de Carlos Felipe Moisés de reflexiva, metalinguística e crítica. Capaz de ser tocada pela música e dela ter uma passagem para a criação de um efeito de afeto artístico, no caso, de um poema.

No poema “Monk & Mulligan”, lemos a música como tema a dizer a criação de um conhecimento apreendido; na verdade, tem-se no poema um tema somente possível pela compreensão de que ele se realiza, ou torna-se uma potência criadora, por meio do conhecimento do saber que o afazer doméstico e a economia dos afetos de uma vivência inexperienciável podem suscitar, levando o leitor contemporâneo a ser afetado pela audição interiorizada de uma singular e plural voz lírica na escuridão do presente, sob cortes refeitos.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. O fim do poema. **Revista Cacto**, nº1, ago. 2002.

_____. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

MOISÉS, C. F. **Disjecta membra**. São Paulo: Lumme Editor, 2014.

_____. **Lição de casa** & poemas anteriores. São Paulo: Nankin, 1998.

_____. **Noite nula**. São Paulo: Nankin, 2008.

PAES, J. P. **Os perigos da poesia e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PUCHEU, A. **Giorgio Agamben**: poesia, filosofia, crítica. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

Artigo recebido em: 02.02.2015

Artigo aceito em: 26.05.2015